

AS FACES DE JÚLIO CÉSAR: UM ESTUDO SOBRE IDENTIDADE POLÍTICA EM CÉSAR E PLUTARCO

Antonio Modesto dos Santos Júnior
Graduando em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)
E-mail: modesto.fsa@hotmail.com

Palavras-chave: Identidade. Roma. Julio Cesar. Guerra.

Introdução

Quem foi César? Qual o seu comportamento perante o cenário político de Roma? Como se portava diante do seu exército? Qual a sua postura frente aos povos bárbaros? Essas são questões que surgem ao estudar o estadista romano, que, ao escrever seus *Comentários sobre a Guerra Gálica (De Bello Gallico)* (s/d), deixa explícita sua posição diante dos povos que encontrava em suas diversas campanhas pela Gália, como também sublinha seu desempenho em manter o respeito ao Senado Romano, mas sem deixar de firmar sua autoridade e supremacia frente às tropas.

Este trabalho visa discutir aspectos relacionados à construção da identidade política de Júlio César no *De Bello Gallico*, escrito pelo próprio César, e na *Vida de César* (s/d), escrita por Plutarco. Mais especificamente, esse projeto de pesquisa propõe-se a analisar como Júlio César constrói sua figura de liderança na narrativa da guerra gálica, obra do século I a.C., e como Plutarco elabora uma imagem de César na sua biografia. Temos, então, por um lado, uma auto-representação de César no contexto político do final da República e, por outro, a sua representação por um membro da elite provincial no século II d.C..

Cabe notar inicialmente que nessas duas fontes há variações na apresentação de César. A análise de César por Plutarco permite compreender como o exército muitas vezes respondia a César com lealdade, coragem e respeito, mas o uso de sua obra é, antes de tudo, um recorte para complementar o que César cita em seus livros. Com relação ao Senado, Plutarco apresenta uma relação mais tensa da parte de César, pois o Senado volta-se para cercear a legitimidade do comandante. As cartas de César mostram que várias decisões para serem adotadas deveriam ser consultadas ao Senado, para não resultar em danos para a manutenção

da Ordem Romana. Outra análise que pode ser feita é como os povos bárbaros são vistos pelos romanos, seus costumes, sua organização bélica e todos os demais aspectos. César descreve o que é incomum dentre esses povos e os romanos, sobretudo no tocante a técnicas militares.

César no *De Bello Gallico*

Nathan Rosenstein observa que “the *Bellum Gallicum* and the *Bellum Civile* are classics in the literature of military history and unique documents for the study of ancient warfare” (2009, p. 85). Para o autor, o *De Bello Gallico*, composto entre 58 e 52 a.C., é um dos documentos fundamentais para o estudo da arte da guerra antiga. Plutarco cita que, nesses comentários, César proferia discursos que eram imediatamente transcritos por seus copistas, e tinham em seu conteúdo aspectos diversos, desde a exaltação do seu exército até a submissão dos povos conquistados. Suetônio (2004) demonstra que contemporâneos de César também teceram suas visões a respeito dos *Comentários*: o orador Cícero afirmava que César escreveu comentários que são inteiramente dignos de apreço, pois são encantadores e despidos de qualquer forma oratória; já Hircio dizia que os comentários são, de uma forma unânime, tão apreciados, que a razão para admirar tal obra está na pureza e na correção do estilo pelo fato de se saber que foi tão rapidamente redigida; por fim, Asínio Polião considerava-os com pouco respeito pela verdade, mas acreditava que César tinha interesse de escrevê-los como memórias (SUETÔNIO, 2004, p. 49).

Nos comentários, ao apresentar seu perfil militar, César procura demonstrar como um líder guerreiro pode obter o sucesso, seja nas conferências com o adversário, seja nos discursos com as suas tropas ou ainda respeitando o Senado. Júlio César representava-se como um líder clemente e piedoso ao encontrar nas suas campanhas pela Gália alguns dos povos bárbaros, como também respeitava o princípio de reciprocidade muito utilizado por Roma e pelos povos das sociedades antigas, poupando dessa forma muito deles.

Os Héduos se tornam um exemplo dessa reciprocidade, por terem sido considerados amigos de Roma, título esse dado pelo Senado (CÉSAR, s/d, p. 120). César busca negociações com esse povo antes de batalhar. Contudo, demonstra que o líder supremo dos Héduos, Vercingetórix, provoca uma batalha, de modo que os Héduos não são bem-sucedidos. César demonstra que Vercingetórix justifica ao Conselho dos seus que havia empreendido a guerra, não por interesse particular, mas pela liberdade comum. Ao batalharem contra os Héduos, os romanos liderados por César vencem as batalhas, as quais o Senado

considera como uma das mais importantes, sendo que ao chegar a informação da vitória fazem suplicações públicas durante vinte dias (CÉSAR, s/d, p. 172). Enfim, o que podemos observar na relação de César com os Héduos é uma submissão ao Senado, denotada no ato da negociação antes da batalha explicitando assim o seu respeito com as autoridades de Roma. Outro acontecimento que torna perceptível a submissão de César frente ao Senado revela-se quando é decretado em Roma que todos os jovens deviam prestar juramento, destarte César resolve proceder o alistamento em todas as províncias gaulesas que se encontravam em seu domínio (CÉSAR, s/d, p. 135).

Quanto aos bárbaros, muitas vezes César vestia a roupagem de um grande inovador, pois apresentava muitas técnicas de guerra até então desconhecidas pelos seus inimigos, mas muitas vezes se surpreendia com as novidades encontradas em alguns povos, como os Vênedos, em quem observa a forte experiência com a navegação. César também acentua que eles excediam os outros povos na ciência e prática das coisas náuticas, e costumavam navegar para a Britânia (CÉSAR, s/d, p. 61).

Nesse aspecto, o general romano inova, mas também transpõe a soberba e aceita novas técnicas do adversário, analisando a necessidade de construir barcos a remo. César apresentava-se ao seu exército um líder prevenido e que não se detém diante de uma ameaça, como a força naval de um povo. Ele lhes dá o título de senhores do mar, ao contrário dos romanos, que não tinham abundância de navios, e tinham contato marítimo apenas com o Mediterrâneo, não possuindo habilidades em mar aberto (CÉSAR, s/d, p. 61).

As tropas, ao batalharem e vencerem os Vênedos, absorvem suas técnicas e implantam-nas no exército, como no caso do uso das galés na batalha contra os Bretões. César não chega com suas campanhas até a Britânia, mas já entende ser ela uma ilha e acredita serem seus povos muito desenvolvidos por possuírem portos, estradas etc. César enviou seu lugar-tenente Voluceno que, ao chegar à ilha, não aceita sair das galés, por não confiar em negociar com esses povos, pois eram considerados como traidores. Ele se apresenta ao exército como um líder que aceita enviar substitutos, adquirindo confiança dos seus subordinados, mas se torna claro que são enviados para as mais difíceis situações, como negociar ou batalhar com um povo desconhecido.

Na segunda campanha na Britânia, César parte pessoalmente e observa os costumes desse povo, como o modo de se alimentar e de se vestir. Ele cita que principalmente os britânicos sertanejos viviam de leite e carne e usavam peles de animais para se vestirem; observa também a parte física, notando que eles raspavam todo o corpo, exceto a cabeça e o

lábio superior, usavam cabelos compridos, e todos eles, sertanejos ou não, “pintavam-se como pastel”, o que lhes dava uma cor azulada (CÉSAR, s/d, p. 95).

Quanto à organização das tropas, é observado que quanto mais unido se encontrasse o exército, mais forte se tornaria, e os generais se reuniam para tomar decisões. Esses generais geralmente eram filhos de grandes famílias de Roma. Júlio César relata também, nos seus comentários de guerra, a bravura dos seus soldados como também engrandece suas ferramentas bélicas, quando cita o uso de pilos, que eram armas que os romanos levavam presos a si, comparando com a ausência de uma força bélica dos bárbaros, levando-os a se renderem facilmente.

Por fim, a última parte dos comentários do *De Bello Galico* trata de apresentar o domínio do derradeiro reduto dos gauleses que se encontra entre os Belovacos e Carnutes. Trata também de demonstrar ações memoráveis de César e a transposição feita pelo Senado das legiões dadas a César para as mãos de Pompeu, por causa da guerra contra os partos.

O César de Plutarco

Plutarco (s/d), ao escrever a *Vida de César*, cita que Júlio César, em uma batalha contra Pompeu, na guerra civil, consulta os soldados se eles querem guerrear. A resposta é dada com salvas unânimes (PLUTARCO, s/d, p. 109). Essa análise feita por Plutarco da posição de César quanto ao exército sugere como o escritor grego apresenta-o como um líder prudente, que não toma a responsabilidade para si, consultando dessa forma os seus homens. Plutarco também apresenta o general como um homem de pele branca, franzino e frágil, pois sofria de epilepsias e enxaquecas, mas ao enfrentar as batalhas e campanhas de noites maldormidas em acampamentos, supera as dificuldades. Os escribas que lhe acompanhavam muitas vezes iam a outras batalhas com generais subordinados a ele, e descreviam aquelas regiões, como na primeira expedição a Britânia, onde ele não está presente (PLUTARCO, s/d, p. 99).

Plutarco também acentua essa questão da passagem de informações por correios, que tinham o papel de levar cartas das legiões para ele. César analisa a falta de estratégia de alguns inimigos na hora da batalha, como os Helvécios, e demonstra essa falha na desordem da infantaria onde os infantes partiam para o ataque de qualquer maneira. Sendo assim, ele exalta a organização do seu exército, como ao se hastear o estandarte, que era uma pequena bandeira vermelha. Essa bandeira se içava sobre a tenda do general, quando havia batalha,

como sinal para correr as armas. Ademais, usava-se uma senha, que não era proferida em voz alta, mas escrita em umas tabuinhas que os centuriões passavam de uns para os outros.

Pode se observar também o caráter muitas vezes crítico do general, observando sempre as faltas do adversário e exaltando as suas estratégias. O exército era composto de legiões e tinham no comando homens de plena confiança de César, acentuando assim a hierarquia, como em uma das batalhas que Tito Labieno permanece no alto da colina observando e enviando tropas para frente de batalha. Outro episódio que ressalta a autoridade hierárquica é quando César envia o lugar-tenente Sérvio Galba a Gália e deixa-lhe o poder de decisão sobre onde invernar.

Em várias batalhas Júlio César se apresenta aos Bárbaros como um inimigo que oferece chances para não ocasionar uma guerra, pois se diz consciente dos estragos que as batalhas oferecem. Ele sublinha esse fato na batalha contra os Gauleses, onde seu exército usa um aríete e o inimigo, ao ver aquela tão grande máquina, não acredita na capacidade deles de conseguir movê-la e ridicularizam os romanos. Mas logo isso tem fim, pois os gauleses, ao verem a máquina se locomover, deduzem ser os romanos enviados dos deuses e suplicam então perdão e César pede que entreguem as armas, gerando um clima de paz.

César, em muitos episódios de suas campanhas, mostra a reflexão que os povos conquistados faziam a respeito dos romanos, como o ato de beberem vinho que, para muitos deles, poderia vir a comprometer a virilidade, ficando a se embriagarem apenas com a cerveja. Aos povos conquistados ele escolhia um de seus chefes, que se tornava de sua confiança e oferecia o comando da cidade, como também oferecia um cargo no Conselho do seu exército, mantendo assim uma relação de submissão.

Ele exigia trigo para alimentar as tropas e homens para o exército. Essa infiltração de bárbaros no exército tinha seu lado positivo para os romanos, quando se tratava de enviar cartas de um general de uma legião que estava distante. Um gaulês ao passar por meio das tropas inimigas passava despercebido, por conta de sua característica física, e geralmente as cartas eram escritas em grego.

O grande número de batalhas vencidas por César reveste-lhe de grande prestígio dentro de Roma e por quase toda a Gália, onde os líderes gauleses mandavam embaixadas pedindo proteção e auxílio. Plutarco escreve que os soldados de César permaneciam fiéis a ele, embora em algumas batalhas se sentissem cansados e com vontade de desistir. Mas os seus generais os encorajavam e os soldados obtinham a lealdade correspondida por ele. César afirma essa idéia na cidade de Brindisi, na qual se encontrava, enquanto algumas de suas legiões permaneciam do lado oposto. Ao sentir uma demora na vinda dessas tropas, utiliza um

barco a remo e atravessa o mar trajado de escravo, não sendo visto pelos navios inimigos que se estendiam por todo o mar (PLUTARCO, s/d, p. 106).

César descansava o exército nos quartéis de inverno e várias vezes poupava-lhes do cansaço de uma batalha. Ele acentua essa forma de atentar com as tropas ao passar por perto de Bibracte, onde ele recua para ir buscar o trigo então prometido pelos Héduos, mas os helvécios ao verem as tropas recuarem acha que se trata dos romanos temendo a quantidade de homens nos seus exércitos, que era quase o triplo dos romanos, e partem para o ataque. César, no entanto, discursa com palavras de coragem: as legiões que vão para o contra-ataque vencem-nos sem muita dificuldade, deixando-o cada vez mais soberano da Gália.

Plutarco ao tratar da relação de César com o Senado demonstra um general preocupado com as deliberações dos senadores de modo que, ao ser atacado por Lucio Catulo, que o acusava de querer derrocar a República, César se justifica perante o Senado e seus admiradores e assegura lutar em favor do povo. Destarte o Senado concebe esperanças para César ainda mais fortes e os senadores discursam afirmando que César vencerá todos os rivais e ocupará o posto mais alto em Roma (PLUTARCO, s/d, p. 88). Essa situação nos demonstra um Senado ambíguo, que ao mesmo tempo, que engrandece César, teme que a República “caia por terra”. Plutarco cita que depois de poucos dias de César ter se justificado ao Senado, “ele levantou com seus discursos violenta tempestade” (PLUTARCO, s/d, p. 55), e pelo fato da assembléia se prolongar por muito tempo, a plebe cercou o Senado gritando para que César fosse logo liberado. Catão com medo que se estourasse uma revolta aconselha ao Senado para liberar César, e ainda providencie uma distribuição de trigo todos os meses para a plebe. O que podemos perceber, de acordo com Plutarco, é que o Senado vai além e concede a pretoria a César (PLUTARCO, s/d, p. 89).

Plutarco apresenta outra situação de subordinação de César ao Senado, que foi a permissão pedida por ele aos senadores às vésperas das eleições consulares solicitando o consulado por intermédio de seus amigos, mas o que acontece é que Catão um dos homens mais acatados de Roma, segundo Plutarco, se esforça em intervir na decisão do Senado, mais uma vez contra César. Contudo, César consegue o apoio de diversos senadores, entra em Roma e executa uma manobra pela qual todos, exceto Catão, são enganados. Ele procura unir Crasso e Pompeu, os quais Plutarco apresenta como os dois personagens mais poderosos de Roma. Plutarco aponta que a união destes dois homens fomentada por César foi o que levou à ruína da República (PLUTARCO, s/d, p. 93). Pode-se observar a estratégia de César com relação ao Senado e os grandes homens, de maneira que se conota a consumação do que

Catão havia alertado aos senadores: o fato de César estar arruinando a República com o consentimento dos próprios senadores.

Essa ambiguidade do Senado com relação a César pode ser entendida, de acordo com Plutarco, pela grande afeição que a plebe tinha por César, aspecto assinalado desde a inserção do militar romano na vida pública, quando ele concorreu ao cargo de tribuno militar: foi o primeiro eleito e recebeu prova ainda maior de afeição por ocasião da morte de sua tia Júlia, mulher de Mário. César mostrou sua audácia pronunciando no Fórum uma magnífica oração fúnebre e exibiu também as imagens de Mário, pela primeira vez trazidas a público, depois que Sila considerou Mário e todos os seus partidários inimigos da pátria. Plutarco demonstra que a ousadia de César levou a alguns gritos de protestos, mas o povo reagiu com palmas vivíssimas (PLUTARCO, s/d, p. 87).

Outro acontecimento que confirma essa ousadia de César é o discurso fúnebre que ele também pronunciou na morte de Julia, sua primeira esposa. Segundo Plutarco, desde a mais remota antiguidade, costumava pronunciar discursos em honras de mulheres falecidas de idade avançada, como no caso da esposa de Mário, mas não para mulheres jovens como a esposa de César. Porém, César introduziu esse ato e foi elogiado, ganhando a adesão da plebe que viu nessa sensibilidade um sinal de costumes honestos e suaves (PLUTARCO, s/d, p. 87).

César busca fazer aliança com Pompeu para se destacar em Roma, e lhe oferece sua filha Julia para casamento, a qual já estava prometida para Servílio Sepião, e promete para Sepião a filha de Pompeu, que Plutarco acentua que também não estava livre, por sua vez prometida a Fausto. Segundo Plutarco, essas atitudes de César satisfizeram Pompeu que encheu o Fórum de soldados e conseguiu a ratificação das leis de César com o apoio do povo, e obteve para César durante cinco anos o governo das duas Gálias: a Gália Cisalpina e a Transalpina e também o Ilírico. Contudo, Catão não cessava em criticar o Estado, que se “prostituíra” com esses casamentos. Plutarco demonstra que César se preocupa com as atitudes de Catão em pleno Senado e manda-o prender, o que causou ofensa na maioria dos senadores, que se retiraram das sessões no Senado, e apenas uma pequena parte acompanhava César (PLUTARCO, s/d, p. 92).

Embora os senadores tivessem dado início a repúdios contra César, Plutarco apresenta que as façanhas de César os colocaram acima de todos os heróis, ele cita que as guerras travadas por ele na Gália fizeram ele se mostrar um grande homem, hábil guerreiro que nenhum dos generais mais admirados pôde alcançar sua glória. Plutarco demonstra que César encontrou dificuldades nos lugares que guerreou, ora pela extensão da região, ou ainda pelo grande número encontrado e a força dos seus inimigos. Mas Plutarco acentua que César usou

de sua brandura e clemência muitas vezes com os prisioneiros, e, em menos de dez anos de guerra, com a Gália expurgou mais de oitocentas cidades, dominou trezentos povos, guerreou em muitas batalhas campais contra três milhões de inimigos, matou um milhão destes, e fez mais de um milhão de prisioneiros (PLUTARCO, s/d, p. 93).

Conclusão

Pela breve exposição acima, percebe-se que Plutarco centra-se mais nas atividades de César em Roma perante o Senado, do que o próprio César que salienta suas empresas militares nas Gálias. Importava mais a Plutarco, escrevendo no contexto político do Principado, se deter nas relações políticas em Roma e suas conseqüências para a manutenção da ordem imperial. Cabe notar que tal dualidade também percorre a historiografia moderna sobre César, como indicam as obras de Luciano Canfora (2002) e Andrew Riggsby (2006). Canfora (2002), ao escrever a obra *Júlio César, Um Ditador Democrático*, enfatiza as relações de César com a política de Roma, até o fim de sua vida. Ao abordar as relações com a Gália, apresenta-a de maneira breve, dedicando apenas três capítulos, dos 43 capítulos escritos sobre César. Já Andrew Riggsby (2006), que escreve uma obra voltada para a Campanha na Gália, em que se serve dos discursos proferidos por Cícero e dos *Comentários*, não se preocupa muito com a relação de César com o Senado, instituição que legitima as ações de César na Gália.

Referências

CANFORA, Luciano. *Júlio César: o ditador democrático*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

JÚLIO CÉSAR. *Comentários sobre a Guerra Gálica*. Tradução de Francisco Sotero dos Reis. São Paulo: Ediouro, s/d.

PLUTARCO. *Alexandre e César Vidas Comparadas*. Tradução de Hélio Veiga. São Paulo: Ed. Escala, s/d.

RIGGSBY, Andrew M. *Caesar in Gaul and Rome: War in Words*. Austin: University of Texas Press, 2006.

ROSENSTEIN, Nathan. General and Imperialist. In: GRIFFIN, Mirian (Ed.). *A Companion to Julius Caesar*. London: Blackwell Publishing, 2009. p. 83-99.

SUETÔNIO. *A vida dos doze Césares*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2004.